AS ÁFRICAS NO RIO GRANDE DO SUL: PORTO ALEGRE E OS ASSENTOS DE BATISMO DOS ESCRAVIZADOS (1797-1802)

PE06200620/098

Lucas Corrêa da Silva (Discente - IFSul Câmpus Sapiranga – Eletromecânica – lucassilva.sg016@academico.ifsul.edu.br)
Valter Lenine Fernandes (Docente Orientador - IFSul Câmpus Sapiranga – Professor de História – valterfernandes@ifsul.edu.br)

CÂMPUS SAPIRANGA

14ª JIC IFSul
JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
2021

INSTITUTO FEDERAL Sul-rio-grandense

INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa é a diáspora africana no período colonial na espacialidade porto-alegrense. Tal escolha se explica por serem as histórias, as memórias e as identidades da população afrodescendente uma fissura ainda na historiografia, como evidenciado pela Gwendolyn Hall (2017, p. 13-20). Além disso, implicadas por um processo de apagamento advindo das bases e efeitos do racismo, questão estruturante de nossa sociedade. Sendo fatores ainda mais latentes no espaço sul-rio-grandense.

OBJETIVO

Em vista disso, esse projeto empenha seus esforços na superação desses abismos, traçando o seguinte objetivo: depreender os aspectos específicos da população escravizada de Porto Alegre entre 1797 e 1802, considerando as conjecturas gerais da capitania do Rio Grande de São Pedro, aspectos tais quais as origens, as famílias, as relações de compadrio e as identidades desse contingente preto e africano.

METODOLOGIA

Para tanto, utiliza-se de uma fundação bibliográfica e de fontes documentais primárias, as quais passam por uma avaliação quantitativa. São utilizados os registros batismais de escravizados presentes nos livros da Matriz da freguesia de Porto Alegre, a Igreja Nossa Senhora Madre de Deus, que são do período de 1797 a 1802. Os assentos estão localizados no *FamilySearch*. Eles são transcritos, seus dados extraídos, compilados e, por fim, sintetizados.

RESULTADOS

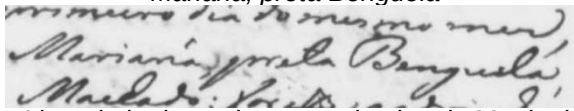
Foram 421 registros batismais trabalhados e, por meio deles, chegou-se aos seguintes resultados:

• Acerca a estrutura das famílias, em 80,19% dos casos os batizados tinham somente a mãe. Apenas 19,81% contavam com um casal, de modo a confirmar a raridade das relações de matrimônio firmadas normativamente entre os cativos, como colocado pela Kátia Mattoso (2003, p. 126-127). Ainda segundo ela (2003, p. 105), os casamentos não eram uma meio de expressão dos laços desses indivíduos, contudo, nos casamentos apresentados nos registros, as duas pessoas envolvidas, na suma maioria, eram do mesmo grupo étnico-racial, indicando o casamento enquanto um meio fortalecimento e ratificação dessas conexões.

• Sobre os termos étnico-raciais utilizados, no que tange os pais, atributo de 492 indivíduos captados, 36,89% eram africanos; 45,97%, nacionais; e o resto não tinha essa condição assinalada. Entre os africanos, a maioria era considerada Angola, Mina, Costa e Benguela. Esses termos fazem referência, respectivamente, à África Centro -ocidental, à Costa dos Escravos (Golfo do Benim), à África genericamente e a um porto da África Central. Para essas informações, ver Hall (2017, p. 81-85). Aliás, esses termos expõem a ligação que havia com o Rio de Janeiro, principal local de origem desses cativos e também onde chegava africanos mormente das mesmas etnias. Já os nacionais recebiam denominações raciais, tais quais crioulo, preto, pardo e cabra.

• Do compadrio, 80% dos relacionamentos eram firmados com a população livre, em 63% tanto com padrinho como madrinha livre, o que explica-se na pequena quantidade de escravizados por proprietário na região (OSÓRIO, 2007, p. 10-11), possibilitando assim esse contato.

"*Mariana, preta Benguela***"**



Fonte: Livro de batismo dos escravizados da Matriz de POA

CONSIDERAÇÕES

Percebeu-se fração das Áfricas em Porto Alegre no ínterim delimitado: captou-se a estrutura familiar, as origens no continente africano e com isso a ligação ao Rio e os contatos feitos por intermédio do compadrio. Em vista disso, cumpriu-se o objetivo, entretanto, ainda há muitas possibilidades de expansão e solidificação com os próprios registros de batismo, o que deve ser realizado com os desenvolvimentos futuros, como por uma maior amostragem, uma abordagem qualitativa, outras freguesias e um aumento do arcabouço historiográfico.

REFERÊNCIAS

HALL, Gwendolyn. **Escravidão e etnias africanas nas Américas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OSÓRIO, Helen. Para além das charqueadas: estudo do padrão de posse de escravos no Rio Grande do Sul, segunda metade do século XVIII. **Anais do 3° Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Florianópolis, 2007.

REALIZAÇÃO
propesp
INSTITUTO FEDERAL Sul-rio-grandense